

Escrevo, mas não me pagavam.

GAZETA DE SANTO AMARO - UM EXEMPLAR E MCADA LAR

O REFÚGIO DE CAROLINA

A estrada que liga Santo Amaro a Parelheiros é uma bela via, sossegada, quase sem movimento. Talvez por isso a gente possa ir apreciando a paisagem, vendo o verde, sentindo a calma existência do pessoal que por ela reside.

Pois foi nessa estrada, numa casa espaçosa, com alguma terra à volta, que se escondeu Carolina. Sim, aquela mesma Carolina Maria de Jesus, que escreveu o "Quarto de Despejo", "Pedacos da Fome", "Provérbios". Carolina, que teve sua obra prima vertida para o alemão, russo, castelhano, checoslovaco, inglês, dinamarquês, húngaro, francês, holandês, japonês, polonês, sueco, italiano, sem nada receber desses direitos autorais. Que faz agora Carolina?

Sentimos nessa mulher uma amargura e tristeza, que a casa ou os filhos não conseguiram tirar. Entre o fogão e o tanque movimentava-se a poetisa e escritora, impaciente pois o tempo é pouco para por todas as coisas bonitas no papel. Assim mesmo os versos vão aparecendo e logo surgirá um drama, que poderá ser também uma novela; cujo nome será "A vovó".

Carolina tem a fala mansa e agradável, mesmo quando se revolta contra o deturpador de seu livro "Felizarda", apelidado "Pedacos da fome".

Fala com carinho do consul alemão, que ela chama de "seu pai branco", e de seu desejo de encontrar um dia um fazendeiro preto.

Como Carolina a ex-favelada tornou-se poetisa? Em seu caderno de poesias que é também uma espécie de diário ela diz: "...e no dia 5 de fevereiro de 1941 eu fui na redação das "Folhas" e falei com o distinto jornalista Wili Aureli e mostrei os meus escritos e perguntei o que era aquilo que eu escrevia. Ele sorriu e respondeu-me: Carolina, você é poetisa. Levei um



Carolina vive só.

susto. Que doença será esta? Sera que isto, tem cura? Fiquei com vergonha de perguntar o que era ser poetisa.

Eu já estava aborrecendo-me e arrependida de ter vindo para São Paulo. Lá no interior eu era tão feliz. Não tinha enfermidade. Aqui em São Paulo eu era poetisa. Fancei. Eu hei de saber o que é ser poetisa. Procurei uma livraria um livro de poeta, porque o homem que estava no ônibus mencionou que o poeta escreve versos. Pedi... eu quero um livro de poeta. O livreiro deu-me Primavera de Casimiro de Abreu. E assim fiquei sabendo o que é ser poetisa.

Pensava que as coisas que brotavam na minha cabeça deviam ser provenientes dos dentes. E eu estava disposta a mandar extrair os meus dentes para ter tranquilidade interior.

Uma coisa me entristecia e me preocupava. Eu lutava para ficar livre do pensamento poético que me impedia o sono, percebi que andando para cá e para lá os pensamentos poéticos dissipavam um pouquinho. E, quando sentia fome, as idéias eram mais intensas. Comendo algo, notava que diminuíam. E passei a ter medo da fome. E que luta para conseguir o que comer.

E se eu ficar parada muito tempo, os versos começam a surgir, tenho que estar em atividade sempre.

Quando percebo que estou exausta sento-me com o lápis na mão porque eu quando escrevo, o meu cérebro normaliza-se.

OS VERSOS DE CAROLINA

Alguns fragmentos da obra poética de Carolina, que iremos publicando nos próximos números:

Tenho a alma remoida e
[destruída]
Com as injustiças que recebi
As alegrias de outrora
Foram-se embora
Até o ideal eu perdi.

Saio de casa, não deixo nada!
Nem um pedacinho de pão.
Deixo minhas roupas molhadas
Não as lavo por não ter sabão.